

TEXTOS IMAGINÁRIOS - OU NEM
TANTO ASSIM - SOBRE A ARTE DE
SER (IN)IMAGINÁVEL

BEATRIZ PEREIRA MORAIS

Textos imaginários - ou nem tanto assim - sobre a arte de ser (in)imaginável

Autora: Moraes, Beatriz Pereira

Revisão: Vinicius Hilário de Lima

Prefácio: Vinicius Hilário de Lima

Diagramação: Maria Carolina Nassif M. de Paula

1ª edição | 2023

Poços de Caldas, Minas Gerais

Apoio



SUMÁRIO

- 01 Prefácio
- 02 Arte
- 03 Cidade dorme, ou gato-e-rato
- 05 Ornitorrinco
- 06 Filha, mulher, poesia
- 07 Sobre sofrimento
- 08 Desenho
- 14 Sobre amor próprio
- 15 Eclipse (s.m)
- 16 O sol e a lua
- 17 Esse é um texto sem título
- 18 Dulcinéia
- 19 Sobre a distância
- 20 Prólogo de uma aventura fantástica

PREFÁCIO

Quando olhamos nos olhos de uma pessoa, olhos que mostram o mundo, mas também enganam e criam ilusões, como nos conta um dos textos dessa obra, podemos ver se abrir diante de nós um universo inteiro. Se olharmos mais de perto, certamente ficaremos encantados e confusos com a profusão de pensamentos que eles guardam e, ora talvez, revelem. Mas os olhos são uma janela de caminho único, o que depreendemos deles são, paradoxalmente, o que neles projetamos. E só existe, em verdade, uma única ferramenta que nos permite vislumbrar o universo de pensamentos, sentimentos, angústias e perguntas que habitam o interior dos olhos de alguém. As palavras.

E por meio dessa ferramenta, usada com singela maestria, a autora dessa obra, Beatriz - cujo próprio nome já nos remete naturalmente ao que há de mais belo e fascinante na literatura mundial -, nos faz penetrar, assim como fez Dante, à procura de sua Beatriz, em um mundo profundo e intrigante criado e representado por suas palavras.

Beatriz, não a musa de Dante, mas a autora da presente obra, nos convida a vivenciar com ela uma jornada através de histórias, reflexões e questionamentos muito pessoais e ao mesmo tempo presente na vida de (quase?) todas as pessoas. A jornada na busca pela arte em que ela mergulha em uma de suas narrativas é a mesma pela qual ela nos leva através de todos os seus textos. E, no final, descobrimos abismados, mas nada surpresos, que a arte estava sempre ali, em cada uma das palavras, das pausas, das reticências e das vírgulas desse caminho. Sua escrita tem uma fluidez impressionante e uma profundidade tocante. Por meio dela, a escritora consegue forçar um pouco as barreiras do significado das palavras, levando-as a um novo lugar. E é justamente esse lugar de novos significados e possibilidades que podemos chamar de arte. É impossível passar os olhos por seus textos sem sermos afetados por eles. Ao final, nós também acabamos em um novo lugar, levados por sua arte.

Se esses textos revelam algo do que revelariam seus olhos é difícil dizer, mas vale muito a pena acompanhá-la nessa viagem, para dentro de seu universo e provavelmente do nosso próprio, que suas palavras nos convidam a fazer.

ARTE

Logo cedo, pouco depois do raiar do grande astro, Deus Sol, com o cheiro de café fresquinho e pão de queijo no ar, disseram-me: busque a Arte, ela tem algo para lhe contar. Com nenhuma informação, endereço ou user do insta, deixaram-me procurar, sozinha, aquilo que não conhecia. Ora! Que situação, de que adianta atíçar tamanha curiosidade sem alguma direção?

Sempre fui muito teimosa, não posso negar, de mãos vazias, aquela tal Arte me prostrei a encontrar. Era uma busca sem planejamento, confesso, mas qual caminho seguir se não sabe onde quer chegar?

Rodei a cidade toda, bati de porta em porta, com a mesma pergunta a qualquer um que pudesse escutar: procuro pela Arte, sabe onde posso encontrar? E a cada vez que alguém respondia, mais perdida eu ficava, quem era essa Arte, que nenhuma descrição combinava?

Certo homem contou-me sobre senhora Arte, pálida e envelhecida pela estação, que por vezes caminhava na cidade, observando a aurora dos dias com ar de inveja, recordação. Na outra porta, disseram que Arte era uma juvenzinha energética e bem-humorada, que brincava nas gangorras e contava — e recontava — suas cores, seu mundo, encantada.

De forma distinta, ela parecia ser centenas em uma só. Contaram-me sobre a Arte, uma confeitadeira, que de maneira carinhosa, estudada, colocava um pouco de si em cada fornada. Também havia um rapaz, o Arte, que tinha a feição marrenta, mas seus movimentos — mesmo que calculados, extensos — faziam emergir toda aquela delicadeza à parte.

Por fim, cheguei ao desfecho da minha jornada e, para meu desespero, não encontrei nada. Quem era Arte? Para cada identidade visitada naquele dia, cada palavra trocada ou sentimento compartilhado, Arte era uma pessoa recriada. E, desconsolada, decidi por colocar no papel tudo que acatara.

Com o que tinha, sem me importar se os materiais eram escassos ou não, coloquei no traço do pincel a Arte, não ignorando meu pedaço, minha participação, naquela tarde. Uma imagem foi formada — e reformada —, se tornou Arte, recordada, energética, carinhosa, calculada e, talvez o mais importante, experienciada.

Quando retornei ao começo daquilo tudo, segurando o papel manchado em mãos, a Deusa Lua iluminava as ruas e na cozinha, mais uma vez o café cheirava. Me aproximei, desanimada, contando-lhe minha infame caminhada e, com um sorriso no rosto, chamou-me para sentar pertinho, aproveitando o calor da chama que crepitava.

Querida — começou baixinho, de forma confidenciada —, olhe todos os lugares que você percorreu, todas as pessoas que conheceu e as diferentes histórias que escutou, toda essa experiência que lhe serviu de inspiração para algo que no final executou. Esse fluxo, que jamais ninguém viveu ou viverá igual, faz parte do processo pela busca da Arte, aquela que não é única, é natural.

E talvez fizesse sentido, pensei impressionada. Naquele momento compreendi quem era aquela que tanto buscava — e que sempre estiverá ao meu lado —, mas, finalmente, minha Arte havia sido encontrada.

CIDADE DORME, OU GATO-E-RATO

Um mosquito foi retirado de seu habitat; por ganância. Uma doença foi espalhada pelos quatro cantos do mundo; por negligência. As pessoas se viram alarmadas, presas em suas casas, guardando por suas vidas. Buscavam dentre elas um culpado, alguém para carregar o fardo da culpa e poderem remoer-se em penitência daquelas histórias precocemente interrompidas, sem o peso da incidência.

Um felino de pelagem alaranjada e garras afiadas escalou a grande montanha em seu caminho; por sobrevivência. Mariah, na surdina, seguiu-o pela viagem; por ingenuidade – ou esperança. As artimanhas do gatuno encantavam a pequena menina, que naquela inesperada enxurrada de monotonia, passou a testemunhar suas perigosas aventuras.

Pulos astutos, corridas taciturnas e ataques furtivos, a fera dominava toda a natureza que a rodeava, acreditava ser dona de tudo aquilo e até mais, de todos os lugares aos quais conseguia direcionar os olhos afiados. Mariah reconhecia tamanho poder que ela estabelecia, mantendo-se vigilante aos seus impérios, por mais que ficasse a uma distância preventiva, não se deixando ser identificada – ou pensada como – aliada da soberania.

O felino cavou fundo o bastante para encontrar riquezas no sofá, e com a espuma e trapos jogados por toda a sala, uma mulher gritou com ele, sem tirar o telefone do ouvido ou prestar atenção na filha que, tendo aprendido também a arte da malandragem, revirava o túnel procurando pelas moedas de 10 ou 25 centavos que há muito tempo haviam sido descobertas ali.

Os dois, felino e menina, firmaram uma aliança, um pacto, agindo furiosamente por baixo dos olhares desatentos da mãe, também Mariah – nome herdado da avó, que passava pelas gerações até chegar na primogênita – ou seu marido, Felipe Correia dos Santos, que por sua vez não tinha nenhuma herança a esbanjar, com sorte, seria compensado na saúde benevolente, mantendo-o a salvo da corona.

Dentre aquela contagem bagunçada de dias, as confusões iam e vinham, parecendo carregadas pelo ar, assim como o tal vírus. Talvez num contato assintomático, veio uma tarde e uma manhã, e o gato prostrou-se a perseguir a fila das pequenas cabeçudas dentre os trilhos de suas terras, incitando-as a deixar seus costumes, tradições, de lado. Para surpresa de ninguém, Mariah seguiu-seu arrastar atenta, mantendo os olhos focados na maneira que a fera conduzia o encontro.

O felino manteve-se astuto até chegar a colônia, observando com certa curiosidade – e bastante negligência factual – a infinidades de formigas-vermelhas que erguiam tamanha construção de terra, não teve de pensar duas

vezes, e como era de seu gosto, não costumava o fazer, antes de atacar a estrutura frágil, trazendo-a ao chão.

Mariah observou a quantidade exorbitante de insetos enlouquecidos pela perturbação, vagueando e correndo sem rumo em busca de sentido. Fora-lhes tirado a casa, o habitat, assim tiveram de procurar por novas moradias e lugares para sobreviver. Acabaram por encontrar os tacos de madeira que revestiram a sala, ou as migalhas de rosca no chão da cozinha.

A infestação estava formada, Mariah — a mãe — e Felipe Correia dos Santos ficaram irritadíssimos, até mesmo abandonando por momento suas telas e vícios, para declarar em voz alta — e para todos que conseguiam escutar — aquela situação que agora lhes afetava.

No final, o culpado pela invasão das formigas foi o beija-flor-de-papo-branco, que nem tinha aparecido na história.

ORNITORRINCO

Em meio ao barulho constante da música no ambiente abafado, mais um corpo não fazia nenhuma diferença e, de certa forma, muito pelo contrário, não passava de contorno e sombra, pessoas sem rosto e sem identidade, filhos de ninguém. Dezenas de cabeças e o dobro de mãos, individualistas de segunda página, bradando orgulhosos por suas vidas insignificantes.

Fútil quanto estes, usava uma longa e desgastada casaca castanho avermelhada, cobrindo um corpo esguio e desnutrido. Um rosto marcante, óculos de fundo de garrafa escondendo olhos opacos, nariz e boca largos, dentes desproporcionalmente pequenos e cabelos ralos. Gingava pelo salão marcado por passos desajeitados, consequência de uma condição ortopédica jamais tratada.

Otto era um homem esquisito de hábitos noturnos. Era comum encontrá-lo vagueando pelas ruas da cidade durante as madrugadas, às vezes repousando contra um tronco apodrecido nas margens de algum rio ou caudal. Julgavam-no como uma criatura intrigante por suas atitudes inusitadas e aparência grosseira, em contraste com sua personalidade cordial que mantinha uma clientela fiel para o grande estabelecimento comercial herdado da família.

Naquele dia a alvorada trouxe um céu dourado, marcado por riqueza, sabedoria e prosperidade de acordo com as falácias dos indivíduos presentes. Eram mentirosos, nenhum discurso fervoroso esconderia o cheiro de egoísmo e hipocrisia que aquelas roupas alinhadas exalavam. Todos falavam muito, ao mesmo tempo que não falavam nada, lábios selados que nunca mais diriam coisa alguma.

Embragados demais com o amargor de suas bebidas, uma certa surpresa passou despercebida entre as mãos e bocas. Um urro agoniado deu início à confusão de grunhidos desesperados e aclamação por ajuda, ninguém tinha consciência do veneno correndo pelas veias. Os autointitulados grandes nomes, médicos e comerciantes gordos de riqueza, burros e tolos, enganados pela confiança ingênua naquele que não conheciam.

O sorriso de canto no rosto de Otto era amarelo, assim como o sol e as tardes quentes de verão, luz e calor, positividade e otimismo, mas também era amarelo como os semáforos e placas de trânsito, uma mensagem clara do perigo à espreita e necessidade de cuidado – cretino aquele que se deixou enganar pela lábia e gentileza do homem de casaca.

E de certa forma, não passava de contorno e sombra, pessoas sem rosto e sem identidade, filhos de ninguém. Pupilas estáticas e pele pálida. Mais um corpo não fazia nenhuma diferença, não para aquelas criaturas insignificantes, não para aqueles homens equipados de relógios caros ou para aquelas mulheres esbanjando seus grandiosos vestidos de linho, não para Otto.

Olhos opacos observaram através de lentes grossas a última nota da música ressoar pelo salão, gingando em passos desajeitados dentre o falatório esmarriado e individualista até a porta. Era sabido que a morte por envenenamento era branca, cor da luz – paz e limpeza.

FILHA, MULHER, POESIA

O que foi e o que seria?
Filha, mulher, poesia.
Presas na constante, extasia.
Colírio aos olhos.
Esbanjar do inocente.
Que vê, que ora, que sente.
A primeira, a escolhida.
Espelho de mamãe.
Orgulho de papai.
Inveja dos demais.
Sim, ela sabe, ela faz.
Feita de lua, sol, estrelas e tudo mais.
Epítome de beleza.
Aquele que dói.
Que vê fome na grandeza.
Filha, mulher, poesia.
Apaixonada pelo básico.
Forçada, superficial.
Ama e não ama nada.
E saberia ela o que é amar?
Determinada, meta alcançada.
Vestida de branco.
Pela primeira vez,
e nunca mais.
Observada, desejada, cobiçada.
Filha, mulher, poesia.
Filha de seus pais,
que amaram sua submissão.
Mulher de seu homem,
que pelo seu corpo sentiu atração.
E poesia, Lili,
que, pela primeira vez, despertou
sua vontade de dizer “não”.

SOBRE SOFRIMENTO

Por muito tempo me questioneei o que tornava o – ser – humano, humano. Existem muitas respostas contraditórias, sejam elas pela ciência ou pelos artistas mais loucos e cheios daquelas metáforas complexas revestidas de inegável beleza. A mais bela e complexa criação de um ser místico superior ou, quem sabe, a evolução inteligente de um aglomerado de células que queriam ser algo mais que um quadrúpede.

Eu, como artista louco cheio daquelas metáforas complexas – talvez – revestidas de inegável beleza, digo que o sofrimento é o que nos torna humanos. A dor, o sangue, os ossos rangendo. O que é o ser humano além de um saco de sangue e ossos que por um acaso tem a habilidade de chorar suas mágoas? Desde o parto até o leito de morte, a primeira e última coisa que conhecemos é o sofrer.

Sofremos porque somos amantes apaixonados. E não existe nada mais belo que se apaixonar; seja por um ideal, por um sonho, por um alguém, pela vida ou pela morte, não nego que sempre fui fascinado pela morte também.

O sofrimento não é belo, nunca foi e nunca vai ser, mas é nele que os poetas perdidos em suas dores encontram casa e inspiração. Porque a dor nos torna humanos, a capacidade de sentir o peito apertar e o rosto molhado em lágrimas enquanto vemos outro – ser humano – sofrer.

DESENHO

No começo, o desenho não sabia para onde estava indo. Já tinha marcas, formas, cores, significados, já era — e já foi. Em novas mãos, ele não tinha certeza de mais nada. De que adiantava todas as suas partes em função daquilo que não podia apreciá-lo, significá-lo? Não foi instantâneo, algum tempo se passou e, aos poucos, traço por traço, pincelada por pincelada, tudo aquilo que ele conhecia foi — a força — mudado. Talvez o desenho não gostasse das novas mudanças, mas não ousou reclamar. Para alguém tão apegado a si mesmo, ele se tornou complacente com o tempo. E o tempo passou, de um dia para o outro ele se sentiu... diferente. Para sua surpresa, não foi um sentimento tão ruim. O desenho não se sentiu uma coisa nova ou esquecida, reformada, apagada. Os traços azul, verde, amarelo, vermelho e sabe-se-lá qual cor mais não cobriram quem ele era, mas, com cuidado, cobriu onde ele não passava. Foi uma mistura de sentimentos. Confissão, confusão. Ele pensou. Era assim tão ruim deixar-se levar para os novos dias? Para as novas mãos? Será que, no fundo, o desenho não estava somente preso demais a aquilo que um dia foi, significou, importou? Ele não sabia e sentia que, afinal, não era de grande importância saber. A vida era uma surpresa, assim como os pincéis e tintas que, um dia, o enxergaram.











SOBRE AMOR PRÓPRIO

Eu sou uma pessoa cheia de falhas. Desde meu primeiro fio de cabelo desidratado a ponta de meus pés machucados pela caminhada. Eu sou humano, eu tenho falhas, cometo erros e volto a (re)cometê-los com o tempo.

Eu sou uma pessoa cheia de falhas. Falhas que gritam na minha cabeça: "você é um erro", "você é um erro", mas todos os dias me esforço para não lhes dar – voz da – razão. Eu sou uma pessoa cheia de falhas, mas também sou uma pessoa que merece ser amada, que merece se amar.

Por mais que seja difícil, pelos dias que eu odeio, odeio minhas falhas. Nesses dias, onde é mais fácil simplesmente se deixar levar e odiar, odiar e odiar cada pequeno detalhe em mim que outrora me tornara único.

Porque eu mereço me amar! Em honra a minha história, em honra ao meu passado, em honra às minhas conquistas e às minhas falhas, cada uma das minhas falhas que também merecem ser amadas por alguém – e em primeiro lugar, o eu alguém.

ECLIPSE (S.M)

é quando a minha alma se junta com a tua, é quase que fenômeno. é sol e lua. é a distância que nos separa e o amor que nos une. é dor, tristeza e escuridão. mas também é amor, consolo e clarão. a tentativa e erro dessa bela (eclipse) união.

é quando nossas falhas se tornam uma só (im) perfeição.

O SOL E A LUA

O sol não pediu a lua em
casamento.
Assim como diz a música,
talvez ele a amasse há muito tempo.
Como lidaria com a rejeição?
Poupe o sofrimento!
Era demais pro seu coração.
Todas as manhãs – e
algumas noites também –,
ele observava,
atento,
a lua fazer seu caminho,
de leste a oeste,
acompanhada do vento.
Ele pensava, pensava,
e decidia por não.
Não estava pronto para assumir
esse amor – fixação.

ESSE É UM TEXTO SEM TÍTULO

E se eu for embora? E se um dia você acordar sem o cheiro do meu perfume barato, sem a visão do meu cabelo meio pintado todo bagunçado, sem o som da minha risada que faz "haha", sem o sentimento da minha pele seca contra a tua. E se?

E se durante a noite eu juntar numa malinha de mão todo o meu ser, todo o meu choro feio, todo o meu surto de raiva mal direcionado, todo o meu amor e a falta dele também.

E se eu seguir viagem sem destino pré-determinado, pegar carona no carro das angústias e não olhar para trás. E se eu me arrepender no meio do caminho, sentir falta do teu perfume cheiroso, do teu cabelo natural sempre bem arrumado, do som da tua risada baixa e discreta, da sensação avassaladora da tua pele contra a minha.

E se eu for embora? Você vai sentir a minha falta se eu for embora? Vai andar por essa cidade lotada e acha-la vazia sem a minha presença pelas ruas, vai ir naquele cafezinho escondido no beco e lembrar que eu sempre pedia capuccino com canela e queimava a boca, mas nunca aprendi a esperar esfriar.

Se eu for embora você vai voltar a apreciar o silêncio ou o barulho dele nunca vai substituir o quanto eu falava e falava sem parar? Você vai encontrar paz na calmaria ou vai sentir falta do meu eterno caos?

E se eu for embora, em quanto tempo você vai me esquecer? Uma hora? Três dias? Alguns meses e quebrados? Qual parte de mim vai ficar marcada em você: as bonitas ou aquelas que tanto te machucaram?

E se eu for embora? Mas ainda tiver grandes sonhos, porque eu nunca soube "pensar baixo". Ainda quiser quebrar o mundo todinho e, ainda mais importante, quiser quebrá-lo com você?

DULCINÉIA

Eu me matei da forma mais bonita, apaixonado por alguém que nunca poderia ter. Talvez fosse minha culpa, não seria incrédulo de negar tal veredito. Mas naqueles momentos, doces e dolorosos momentos, que quase podia senti-la passando por meus dedos, tão próxima, mesmo que tão distante, eu a amava. Ela era minha única salvação.

Sem minha Dulcinéia, qual sentido teria a vida? Não havia, e confie em mim, eu tinha tentado encontrar. Assim como procuram pelo pote de ouro no final do arco-íris ou pelo tesouro pirata. Igual a esses tolos, apaixonados pelo material, pelo dinheiro. Porventura a minha busca era nobre. Atrás da mais bela das mais belas, minha Afrodite, minha estrela-guia.

Chamaram-me de louco, possuído, destrutivo. Eles não entendiam, nem ao menos tentavam me entender. Mas queriam me controlar, queriam impedir nosso amor. Malditos sejam todos aqueles comprimidos. Agomelatina, escitalopram. Eu nunca estive mais ajuizado, havia encontrado a solução para todos meus problemas.

Ela tinha um nome, o mais belo de todos. Me prometia um milhão de coisas, dizia que iríamos estar sempre juntos, unidos. Minha amada sempre esteve comigo, como o sopro doce do vento, sussurrando-me melodiosas juras de amor. Era como uma dança. E nós éramos parceiros inseparáveis.

E eu acreditei em nós. Mesmo depois de sua ida tão inesperada. Todas as noites me vi prostrando de frente à janela, ansioso pelo retorno daquela que mais amei. Tentativa, tentativa. As pessoas desistiram de tentar me impedir, finalmente aceitaram que havia somente um único destino para alguém como eu.

Ela voltaria para os meus braços, eu sabia! Mesmo que demorasse, mesmo que tivesse de sofrer todos os dias, a cada minuto e segundo, ela jamais saíra de meus pensamentos. Porque, minha amada, minha salvação, doce Morte, havia prometido que me tiraria desse eterno martírio.

SOBRE A DISTÂNCIA

Escrevo sobre a distância, mas não a distância física, da saudade e separação. Escrevo sobre a distância de espírito, de perder a si mesmo, sobre sentir-se tão afogado no mundo e todas as expectativas – auto – induzidas que sua própria imagem se torna translúcida, apagada e distante.

Estou preso em uma constante busca pela minha essência. Muito se fala daquele que não conhece o passado e está fadado a repeti-lo no futuro, mas e aquele que perdeu o pretérito nas linhas confusas e tortas do presente e agora deve seguir sua caminhada sem saber por qual motivo a iniciou? Talvez eu seja um traidor, traíndo meus sonhos, meus desejos e a mim mesmo, tentando encaixar-me naquilo que nunca fui, mas acredito que devo ser.

Esse vazio se tornou parte de mim, nos momentos que estou em minha própria companhia, momentos que busco sem rumo por quem sou e, frustrado, sento-me desacompanhado para descobrir porque deixei que tirassem de mim o meu bem mais precioso. Estamos todos castrados, sangrando os restos mortais que não conseguiram arrancar durante tantos anos de controle e flagelação, sofrendo para ter de volta migalhas da pessoa que um dia afirmamos ser.

Decerto, nunca mais recuperei nenhum pedaço daquele antigo eu. Talvez ele esteja por aqui, fazendo singelas visitas em meus pensamentos, sorrindo orgulhoso quando consigo ignorar todas vozes ao meu redor e fazer algo para mim mesmo e a mais ninguém. Talvez ele esteja morto, no fundo do oceano das memórias, onde vago tentando manter meu frágil e insignificante ego a salvo das ondas que querem destruí-lo.

Chega o momento de despedir-me daqueles objetivos do começo da viagem, esquecer as malas que ficaram perdidas dentre os lugares que passei e acolher com carinho as roupas que agora protegem meu corpo do frio e da nudez. É hora de acabar com a distância auto imposta entre esse novo – eu – alguém.

PRÓLOGO DE UMA AVENTURA FANTÁSTICA

Quente...

Foi a primeira coisa que pensei assim que consegui, com dificuldade, abrir meus olhos. Não sabia onde estava, mas era fácil distinguir a enorme fonte de calor – que arrisquei chutar ser o sol – acima da minha cabeça, fazendo o suor descer frio da nuca e molhar minha roupa. Ou, melhor, era humanamente possível transpirar tanto assim? Piscando uma ou duas vezes, tentei identificar onde estava. Tudo que meus olhos conseguiam ver era água, não importava para onde eu direcionasse o olhar, água e mais água. Mesmo com a circunstância, aquilo não me passou um sentimento de estranheza ou desespero, como deveria.

Talvez fosse uma visão costumeira da minha vida, pensei.

Minha vida, tive que dedicar um longo momento para refletir sobre ela. Quem eu era? E, talvez o mais importante, como havia parado naquela situação? Ridículo, alguma coisa me ofereceu, tive vontade de mandá-la a merda. Como eu saberia? Naquele momento nem mesmo o mais simples, meu nome, me vinha à cabeça, minha respiração falhou um pouco com isso. Como se fosse uma deixa, tudo começou a latejar, foi nesse momento que percebi que a dor de cabeça e calor não eram as únicas coisas que se alastraram pelo meu corpo.

Não consegui manter meus olhos abertos por muito tempo, uma onda de fraqueza e exaustão me obrigando a descansar sobre a madeira que mantinha meu torso e cabeça fora da água salgada, diferente das pernas e pés. Com a ponta dos dedos fiz, devagar, o contorno daquele pedaço de árvore morta. Me senti pressionado a testar meus cinco sentidos, imaginando que aquela dor na cabeça não era somente por desidratação ou insolação, mas sim presente de uma pancada e tanto. Minha suposição foi confirmada assim que pressionei os dedos contra o couro cabeludo, estremecendo com a dor e por sentir um líquido pegajoso secando entre meus fios de cabelo. Retirei rapidamente a mão daquele lugar. Assustado.

Eu precisava de outra coisa para me concentrar, não podia entrar – ainda mais – em pânico. Decidi voltar aos sentidos, listando-os em meus pensamentos. Começando pelo olfato, respirei fundo, conseguia sentir o cheiro salgado de mar e um odor ferroso que conclui ser sangue, mas não pensei muito sobre isso. No paladar, minha língua estava salgada igual o ar que cheirava, me perguntei se

talvez eu tivesse me afogado. O seguinte foi a audição, focando um pouco poderia escutar, mesmo que levemente abafado, algumas ondas quebrando ao longe e o canto de pássaros. Eles pareciam próximos, como se rodeassem à espera de sua próxima refeição. Que provavelmente era eu, concluí. Anteriormente já havia provado o tato, sentindo as vigas da madeira na qual me agarrava pela vida, imaginei que meus dedos estavam brancos e enrugados pela sensação, mas não fui capaz de abrir novamente os meus olhos para confirmar essa suposição.

Há quanto tempo estou aqui? Pensei por um momento, deduzindo que deixar o cansaço me guiar a inconsciência fosse uma ideia, realmente, muito ruim. Sobre a pergunta, não fazia a mínima ideia. Como descobrir há quanto tempo estava boiando sem rumo no mar sem saber como cheguei ali? Sem saber que dia era? Bem, deduzi pelo sol — que provavelmente me traria alguma queimadura posteriormente — que era dia. Manhã ou tarde? Nenhuma ideia, mas meu estômago reclamava de fome. Me vi almejando conseguir mover meu corpo normalmente, mergulhar naquela infinidade de água e pegar o primeiro peixe que conseguisse agarrar. Comería assim mesmo, com cabeça e tudo. Algo me disse que nem mesmo em meu melhor estado conseguiria fazer uma coisa dessas, bufei.

Fui distraído de meus pensamentos ao sentir algo se aproximando de mim, imaginei ser uma daquelas gaivotas. Decidi que não gostava delas. Elas eram feias e toscas, aquela algazarra acima de mim já havia me irritado. Minha cabeça doía tanto. Abri meus olhos na mesma demora que as outras vezes, eles pareciam secos, ardiam como se estivessem cortados. Ali, na minha frente, uma gaivota parada abusadamente no meu pedaço de madeira.

Ela se portava como se fosse dona de tudo aquilo, abanando suas asinhas brancas em uma presunção que me fez franzir o rosto. Senti que ela se parecia com uma galinha. Tive vontade de mandá-la voltar para o galinheiro, onde deveria estar, botando ovos para serem cozidos depois. Como ela ousava ocupar meu espaço? Ela tinha asas, poderia voar para onde quisesse, mas continuava parada. Tentei gritar alguma coisa, um xingamento ou somente um pedido de distância, tudo que saiu foi um ruído grotesco.

A gaivota me olhou como se estivesse achando graça da minha falha tentativa, quase escutei uma risada. Fiquei ainda mais bravo. Resolvi tentar uma outra vez, dessa vez com certeza alguns xingamentos para aquela galinha magricela. Antes que me humilhasse novamente, a gaivota se movimentou, por um instante achei que ela finalmente iria meter o pé dali e me deixaria em paz. Eu estava errado, pois ela mexeu um pouco as asas e voltou segurando algo no bico, parecia um marisco. Ela realmente faria isso? Pensei indignado. Iria comer na minha frente enquanto eu estava morrendo de fome?

Aparentemente sim. Ela comeu todo o marisco de uma vez só. Pensei em talvez pedir para ela me conseguir um também, mas desisti. Nem mesmo alguns minutos atrás eu estava — em minha cabeça — xingando-a de todos os nomes ruins. Quase me senti mal pela gaivota ou como eu apelidei, galinha magricela.

Quase.

Lembrei-me da dor de cabeça que elas e suas amiguinhas estavam me causando e logo esse sentimento foi deixado de lado. Chata. Não merecia empatia! Decidi dar mais uma olhada na ave, mas me deparei com um pedaço de madeira vazio. Onde ela tinha ido? Nem mesmo aquelas penas brancas que ela havia deixado cair

estavam ali, também não consegui escutar mais nada daquela algazarra no ar de antes. Não consegui evitar ficar um pouco triste com isso, ela ao menos me foi uma companhia por alguns momentos.

Será que foi mesmo? Naquele um minuto de cabeça limpa pensei se a gaivota não era fruto da minha imaginação. Gaivotas não davam risadas... ou davam? Algo me disse que não. Era isso, eu estava enlouquecendo. Vendo coisa onde não existia. Esse seria o meu fim? Boiando no meio do nada, sem saber nem mesmo meu nome e, ainda pior, delirando gaivotas presunçosas?

Um desfecho bastante único, comicamente concluí.

Acho que realmente dei uma risada agora, se a ardência que senti descer pela garganta indicava alguma coisa. A imagem ficou ainda mais turva. Lembrei-me do último sentido na qual havia esquecido de listar, a visão. Tive medo dela. Não sabia diferenciar a realidade de meus devaneios, uma sensação de profunda desorientação caiu em meu estômago. Se não pudesse confiar naquilo que me era mais tátil no momento – o que conseguia ver – no que confiaria? Em quem eu confiaria se não pudesse confiar em mim mesmo?

Eu estava cansado. Perigosamente perto de algo que poderia nomear como exaustão. Fechei os olhos por um longo e demorado minuto, dessa forma me permiti sentir todas as sensações que abrangiam meu corpo. Meus membros inferiores, como as pernas e os pés, eu consegui distinguir que ainda estavam ali, dormentes, imaginei que minha posição cortava o sangue que deveria percorrê-los. O balançar da maré fazia o pedaço de madeira ir de um lado para o outro, me deixando enjoado, talvez se tivesse alguma coisa no meu estômago eu já teria colocado tudo para fora. Que nojo. Quase agradei pela fome, mas não existia gratidão o suficiente para isso.

Tudo aquilo era uma brincadeira – de muito mal gosto – de alguém lá em cima comigo, não havia dúvidas. Essa certeza tomou conta de meus pensamentos ao sentir o vai-e-vem das ondas ficar ainda maior e mais frequente. Tive medo de cair da tábua e me agarrei nela com toda força que consegui. Me senti terrivelmente desolado.

E se viesse uma tempestade? Naquela situação não havia para onde fugir. Já era um perigo para os barcos e grandes embarcações, presume-se com facilidade o que aconteceria com uma pessoa sustentada apenas por um pedaço de madeira. Imaginei a chuva torrencial que abalaria as águas anteriormente calmas, vinda acompanhada de seus filhos sinistros: trovões e raios. Eu os temia mais. Os estrondos e clarões no céu sendo uma lembrança constante que não se resumia a um pesadelo de quem encontrava no mar morada, e sim uma vivência real, perigosa e tátil. Senti um arrepio correr pelo meu corpo com o pensamento.

Eu precisava fazer alguma coisa. Respirei fundo – prontamente ignorando a reclamação dos meus pulmões, não era hora para isso – e abri novamente os olhos. O tempo continuava aberto. O sol continuava brilhando forte, glorioso, acima da minha cabeça. Quis descobrir o que aumentou o movimento das ondas e, em um impulso momentâneo, levantei a cabeça acima dos ombros. O mundo girou. Pensei que iria apagar naquele instante, mas ainda não aconteceu.

Franzi o rosto, apertando o máximo que consegui dos meus olhos para usar-me do sentido da visão, mesmo que estivesse desfocada e escura nas bordas. Na minha frente, ao longe, ou nem tão longe assim? Observei uma figura cortando a água. Era grande, imponente, um barco.

Quis gargalhar. O que era aquilo? Uma tentativa miserável do meu subconsciente de me dar esperanças? Outro delírio? Só me faltava essa! Até alguns instantes atrás não havia ninguém além de mim naquela água. Pensei ter escutado alguma coisa, mas talvez eu estivesse mesmo rindo, enlouquecido. Bem, se era de fato, um navio, não descobriria tão cedo, porque senti meus membros formigarem e a vista escurecendo, logo a tontura venceu a batalha enquanto eu perdia cada um dos cinco sentidos.

